



REVISTA EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

PROJETO LUPA NH

OFICINAS PARA A PRODUÇÃO DE JORNALISMO CIDADÃO



PROJETO LUPA NH

OFICINAS PARA A PRODUÇÃO DE JORNALISMO CIDADÃO

Cláudia Maria Arantes de Assis Saar¹ • Walter Teixeira Lima Junior²

¹ Mestre e Doutora pela Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil.

² Mestre pela Universidade Metodista de São Paulo e Doutor pela Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil.

RESUMO

O presente trabalho produz relato de experiência de práticas educacionais ligadas diretamente ao jornalismo cidadão, cuja base parte do projeto de informações hiperlocais Lupa NH, projeto pioneiro no bairro Novo Horizonte, em Macapá, Amapá. O objetivo é mostrar que, através da geolocalização e utilizando-se de preceitos do jornalismo cidadão, é possível fazer com que indivíduos se transformem em produtores de conteúdo informativo de relevância social de forma cidadã e, se valendo de ferramentas tecnológicas digitais conectadas, adquiram autonomia e autoridade para relatar as suas próprias histórias, por vezes ignoradas pela mídia tradicional. Portanto, para a apuração dos dados e relatos narrados aqui através da pesquisa descritiva, foi utilizada também a pesquisa-ação e pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Jornalismo cidadão. Geolocalização. Projeto Lupa NH. Oficinas. Aplicativo

ABSTRACT

The current article brings reports of practical educational experience daily connected to citizen journalism, the basis of which is part of the Lupa NH hyperlocal information project, a pioneer project in the Novo Horizonte neighborhood, in Macapá, Amapá. The goal is to show that, through geolocation and using the precepts of citizen journalism, it is possible to make individuals become producers of informative content of social relevance in a citizen way and, using connected digital technological tools, acquiring autonomy and authority to tell their own stories, sometimes ignored by traditional media. Therefore, for the verification of data and report narrated here through descriptive research, action research and bibliographic research were also used.

Keywords: Citizen Journalism. Geolocation. Project Lupa NH. Workshops. Application.

INTRODUÇÃO

O modelo atual de cobertura jornalística, realizada pela mídia tradicional no Brasil, é também configurado em função do enxugamento das redações, sendo grande parte da produção do trabalho sendo realizado por intermédio de sistemas conectados via Internet. Este contexto resulta das transformações estruturais e reconfigurações nas empresas de comunicação, acompanhadas de reformulações em suas estratégias de gestão. Observam-se frequentes processos de desligamento coletivo nos principais veículos jornalísticos, abrangendo diferentes plataformas midiáticas, fenômeno que se articula a uma degradação significativa das condições laborais no campo, caracterizada por elevada instabilidade contratual, redução de quadros funcionais e compressão salarial (Lelo, 2019).

Neste panorama, grande parte da força de trabalho, composta por jornalistas, tem realizado toda a sua jornada, desde a apuração até a inserção do conteúdo na plataforma de publicação do veículo, sem contato pessoal com a fonte ou no local onde o fato jornalístico ocorreu. Esse modus operandi tem acarretado a incidência da preferência por fontes que são facilmente acessíveis e oficiais (institucionais) (Lima Junior, 2006). Esse comportamento, que se agravou com a precarização do trabalho dos jornalistas, está levando o jornalismo brasileiro a ficar cada vez mais distante das realidades das periferias e de outros locais geográficos, os quais não possuem infraestrutura básica para sobrevivência humana de forma digna. Para Williams *et al.* (2014),

[...] à medida que as receitas caem e os funcionários são cortados, as cargas de trabalho aumentam, as principais notícias locais dependem mais de fontes oficiais e de assessorias de imprensa, e que apenas uma faixa muito estreita de fontes é rotineiramente citada¹.

A pluralidade de fontes é fundamental para dar voz a todas as camadas da sociedade, dando vazão aos anseios, desejos e críticas de forma a contemplar todo o espectro de representações da realidade. Essa democracia de fontes possibilita que outras temáticas possam ser incluídas na esfera pública interconectada Benkler (2006) , que se fossem adotadas ajudariam na discussão de questões de caráter público, pois abririam vários níveis de debate entre os que consomem conteúdo de relevância social produzido por jornalistas.

E, também, modificariam os valores-notícia, que ao longo do tempo estão adquirindo outras

1 . Tradução do autor: These studies find that as revenues fall and staff are cut, work- loads increase, mainstream local news relies more on official sources and PR, and that only a very narrow range of sources are routinely cited.



configurações devido ao “fontismo”². Os critérios de valores-notícia estão se modificando desde o estudo clássico desde de Galtung; Ruge (1965), então, várias listas de valores-notícias têm sido elaboradas há mais de cinco décadas, pois o mundo da informação tem se modificado, passando da escassez para abundância ou *overload information*³ (Jerônimo, 2020). Essa movimentação nos critérios, em função do “fontismo” e modelo de negócio da mídia tradicional dentro da economia da atenção, mostra que novidades nem notícias podem mudar valores-notícia. Ou seja, o que não era importante na esfera pública passa a ser alvo de atenção visando obter audiência e gerar mais lucratividade com o produto midiático, como o valor-notícia “crime” que nas últimas décadas está muito bem ranqueado na zona de atenção da audiência (Prati, Lima Junior, 2016).

O jornalismo faz parte de um conjunto de técnicas (Lage, 2001), desenvolvido em uma sociedade industrial madura, sendo difundido rapidamente por países industrializados e se adaptando às culturas locais. Esse fator se comprova, pois, a comunicação é parte essencial da linguagem humana, sendo possível constatar historicamente, por intermédio de vieses antropológicos e sociológicos, tendo em vista que povos distantes geograficamente mantinham contato com outros povos através de sons ou sinais, que representam, de alguma maneira, códigos associados a um conjunto de conceitos estabelecidos previamente para a comunicação – muitas vezes por questões de sobrevivência (Eco, 1976; Jakobson, 2003). Entretanto, para que essa comunicação fosse realizada de maneira adequada, era, e ainda é, necessário que se conheça os códigos estabelecidos para o diálogo e que todas as partes envolvidas tenham condições entender e de manter esse fluxo comunicativo.

Assim, em se tratando de distanciamentos e códigos de entendimento, longitudes e latitudes, estar em um estado brasileiro como o Amapá, cujo território visto pelo mapa geográfico aparenta ser uma ilha, uma vez que é cercado por rios e oceano, além de ser um estado de fronteira com países de língua francesa e neerlandesa, e que está inserido dentro da Floresta Amazônica, pode nos levar a pensar que a comunicação nesse local seja frágil e dificultosa.

O estado do Amapá, situado no extremo norte do país é perpassado pela Linha do Equador. Possui 665 km de fronteira com a Guiana Francesa, que é um território ultramarino pertencente à França. O estado ainda divide 25 km de fronteira com o Suriname, antiga colônia da Holanda, conhecida primeiramente por

2 . Excesso na repetição de fontes e o sufocamento de outras fontes não-oficiais por fontes somente oficiais.

3 . Tradução do autor: Excesso de informação.



Guiana Holandesa, mas que em 1975 conquistou sua independência, mudando, assim de nome. A leste temos o imponente rio Amazonas, cuja margem pode atingir até 30 km de largura, o que faz com que os habitantes do estado sejam obrigados a usarem transporte aéreo ou fluvial, uma vez que não há ligações terrestres com o restante do país.

O Amapá faz parte da Amazônia Legal, que ocupa 60% do território brasileiro. Além de abranger toda a região norte, parte dos estados do Maranhão, Mato Grosso e Goiás também integram a Amazônia Legal. E, embora seja uma área extensa, a densidade demográfica ainda é baixa, especialmente comparando ao sudeste e sul do país, onde se encontram uma população que atinge a casa dos milhões de habitantes.

Para se ter uma ideia da discrepância da dimensão demográfica no estado do Amapá, havia 4,69 habitantes por quilômetro quadrado, segundo o censo de 2010, enquanto no estado de São Paulo havia 166, 25, segundo os dados do mesmo ano e últimos disponibilizados pelo censo. Embora sejam dados antigos, são os últimos apresentados pelo IBGE sobre essa modalidade.

Tendo tomado um breve conhecimento sobre o Amapá, há de se pensar que comunicação nesse estado seja fortemente realizada por veículos *broadcasts*, tendo em vista a questão de transmissão e potencialidades dos sistemas UHF e VHF, capazes de alcançar a outra margem do rio ou além. Porém, segundo dados da PNAD de 2014, a população do Amapá é a que mais utiliza internet móvel no país. A pesquisa aponta que 97,1% dos domiciliados utilizavam *smartphone* com conexão de dados. Para reforçar esse dado, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2016 (PNAD), no Amapá, 95,4% dos domiciliados usam celular, enquanto a média nacional é de 92,3%. Porém, o celular é o segundo meio de comunicação mais utilizado. A televisão ainda é aparato mais utilizados pelos amapaenses, com predominância em 96,6% dos lares. Também é inconteste a força da mídia radiofônica da região que funciona como um conector das comunidades ribeirinhas.

Entretanto, há fragilidade no sistema midiático, dito profissional, composto por veículos impressos, em decadência, e emissoras de TV. Por ser um estado com parca infraestrutura em diversas áreas, no setor de mídia não é diferente, o que reforça a percepção que o cenário do mercado profissional de jornalismo, no Amapá, é frágil, em estágio embrionário, Portanto, incipiente (Arantes, 2018).

Esses dados sobre o Amapá são relevantes para mostrar a realidade regional sobre a comunicação e a importância de ações voltadas para melhorias estruturais, comunicacionais, e que junto com a



potencialidade de práticas e ações humanas podem, em curto, médio e longo prazo, transformar lugares e pessoas, como é o caso do projeto hiperlocal Lupa NH. O projeto é fruto de ação extensionista, coordenado pelo professor Walter Teixeira Lima Junior, na Universidade Federal do Amapá e atende a Resolução 7, de 2018, que, em seu artigo 3, esclarece a diretriz e de que forma os projetos de extensão devem atuar:

Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Mec, 2018).

Assim, o projeto de extensão universitária deve estar engajado diretamente à sociedade, fazendo um elo entre a universidade e a comunidade. Além do mais, a mesma resolução ainda prevê que, obrigatoriamente, ao menos 10% da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação devem ser compostos por atividades de extensão. E isso deve estar regimentado nas matrizes curriculares de todos os cursos.

No caso dos cursos da área da comunicação, especialmente jornalismo, único curso da área na Universidade Federal do Amapá, os projetos de extensão devem favorecer a cidadania, o engajamento, o pertencimento, a identidade, as mediações políticas, conforme menciona Eliza Bachega Casadei,

A função social da comunicação a faz indubitavelmente ligada à construção da cidadania e das mediações políticas, de forma que os projetos de extensão da área, em suas mais diversas formas de estruturação e gestão, nunca estejam apartados dessa característica. (Casadei, 2016, p.16).

As ações extensionistas devem potencializar, dar suporte e impulsionar mudanças sociais que desenvolvam a soberania popular, a solidariedade e a justiça. “Os projetos de extensão na área de comunicação, portanto, sempre estão de certa maneira relacionados a tentativas de atender a demandas por direitos, de modo a ensejar demandas por justiça social” (Casadei, 2016, p.16).

É por isso que o projeto Lupa NH nasceu, está sendo gerido e já gera frutos, como é possível ver nos relatos abaixo.

LUPA NH: FAZER JORNALÍSTICO PARTICIPATIVO EM PROL DA COMUNIDADE

O Projeto Lupa NH tem como objetivo incentivar a participação cidadã dos estudantes do Bairro Novo Horizonte por intermédio de tecnologias digitais conectadas móveis. Com ajuda de aplicativo para



celular criado para esse propósito, os usuários desse sistema podem, de forma geolocalizada, inserir dados sobre o bairro, alimentando o banco de dados (dataset) com informações sobre a infraestrutura em seis segmentos, que são: limpeza urbana, água potável; iluminação pública, coleta e tratamento de esgoto; asfalto e calçadas.

O bairro de Novo Horizonte foi escolhido pelos integrantes do projeto por ser a segunda maior comunidade em população de Macapá. De acordo com estimativas atuais, o número está em torno de 45 mil habitantes. Novo Horizonte possui uma história de comunicação comunitária; pois no bairro há uma rádio comunitária e no passado já teve um jornal impresso feito pela comunidade. Localizado na zona norte de Macapá, é considerado o maior bairro do município em área e o segundo mais populoso.

Nesse sentido, para refletir, apontar e relatar sobre contexto supracitado e os dados apresentados, o presente artigo traz um relato de experiência de práticas educacionais ligadas diretamente ao jornalismo, realizadas entre alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap) e alunos do ensino médio da escola pública Raimunda dos Passos Santos, situada no bairro de Novo Horizonte, em Macapá, capital do estado.

JORNALISMO CIDADÃO E CAPACITAÇÃO

Com a ferramenta construída para captação dos dados de infraestrutura, optou-se por intermédio do jornalismo cidadão, denominado por Bowman e Willis como “ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que desempenham um papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação” (2003, p.9 – tradução nossa⁴). A perspectiva era capacitar alunos da referida escola para que agissem de maneira oportuna e assertiva no contexto comunicacional do bairro, mais especificamente dando condições de agirem como repórteres cidadãos, capazes de abastecer o aplicativo Lupa NH e as redes sociais do projeto.

A prática do jornalismo cidadão possui uma diferença conceitual em relação ao jornalismo cívico ou público. É elaborado, essencialmente, por não-jornalistas profissionais (formados). Ou seja, por indivíduos sem treinamento específico em jornalismo, mas que possuem outra formação profissional ou educacional, e é realizado de maneira não-remunerada, de forma “amadorística” (Schwingel, 2008). O

4 . Original - “Es el acto de un ciudadano o grupo de ciudadanos que juegan un papel activo en el proceso de colectar, reportar, analizar y diseminar información”.



jornalismo cidadão também contém uma diferenciação ao que se denomina jornalismo cívico, ou público, que é elaborada a partir de trabalho de capacitação de jornalistas dentro de uma comunidade.

Para Bowman e Willis, “a intenção dessa participação é fornecer a informação independente, confiável, exata, ampla e relevante que a democracia requer” (2003, p. 9 – tradução nossa⁵). Dentro desse escopo, os participantes do projeto experimental Lupa NH visam alcançar a atenção das autoridades municipais, estaduais e da sociedade amapaense revelando, por intermédio de conteúdos hiperlocais, melhorias para o bairro onde reside os alunos da escola Raimunda dos Passos.

Segundo Damian Radcliffe (2012), a construção de comunidades mostra-se fundamental para legitimar representações locais genuínas, possibilitando a mobilização coletiva em favor de propósitos compartilhados. Nesse sentido, esse capital social pode instituir instâncias de autoridade pública aptas a ressignificar ou expressar práticas democráticas por meio de arranjos inovadores (Radcliffe, 2012, p.3)⁶. Uma vez preenchido esse requisito, adota-se a noção de Hiperlocal como marco conceitual descritivo. O termo Hiperlocal geralmente refere-se a cobertura de informações noticiosas em um bairro ou até mesmo uma quadra (Waldman, 2011).

A MOBILIDADE FÍSICA E INFORMACIONAL

Segundo Manuel Castells (2008), a mobilidade informacional e também física proporciona uma certa autonomia ao indivíduo. Castells diz que a comunicação móvel não é apenas ter mobilidade, mas também é preciso ter autonomia, o que permite ao usuário se comunicar em qualquer espaço que ele deseje, mesmo que este possa ser um local corriqueiro.

A mobilidade física (tanto de pessoas como de objetos) e informacional (com acesso rápido e fácil à informação), para André Lemos, é uma das características da cidade informacional do século XXI, que “encontra na cultura da mobilidade o seu princípio fundamental: a mobilidade de pessoas, objetos, tecnologias e informação sem precedentes” (2009, p. 28). Dessa maneira, as tecnologias móveis amplificariam os sentidos de lugar, como também redefiniriam as relações sociais e a noção de tempo

5 . Original – “La intención de esta participación es suministrar la información independiente, confiable, exacta, de amplio rango y relevante que una democracia requiere”.

6 . Original – “Successful hyperlocal services could deliver a plurality of relevant news, information, entertainment and authentic local voices. They offer the opportunity of bringing our communities together for good purpose. They might hold public authority to account or express democracy in innovative ways”.



(Lemos, 2009).

Nesse aspecto, Martino (2014) indica que a noção de lugar passou por consideráveis mutações, a partir do final do século XX. As conexões sem fio, dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, além da expansão de redes *Wi-Fi*, possibilitaram a comunicação em qualquer âmbito de localidade, favorecendo a conexão entre pessoas. O pesquisador, ainda, destaca outro aspecto, a ubiquidade das mídias. Ou seja, a presença difundida e espalhada por todos os lugares.

Antes das possibilidades da mobilidade e portabilidade, os televisores, os telefones e os computadores que ocupavam lugares fixos, como denomina Santaella (2007). No entanto, esse cenário estático, com o surgimento das conexões móveis, muda completamente, uma vez que as tecnologias móveis potencializam e ampliam os deslocamentos físicos e informacionais (Lemos, 2009). Ainda segundo o autor, o indivíduo em posse de dispositivos portáteis e tecnologias de acesso sem fio, possuem possibilidades de produção e distribuição de conteúdo informativo, além de fornecer ações para o consumo.

São muitas as possibilidades no uso das tecnologias móveis, dentre elas estão: o acesso à informação, a participação e a produção de conteúdo. Silva (2013) enfatiza a utilização de telefones celulares como ferramenta de educação para o exercício da cidadania. A autora reforça especificamente o *smartphone*, pois acredita que com a penetração dessa tecnologia em todas as camadas sociais é justificável pensar e propor uma apropriação do uso desses para a promoção da saúde, educação e geração de renda.

Para Silva (2013) é necessário repensar o papel dos telefones celulares para o desenvolvimento econômico e social. Este feito podemos ver via o projeto experimental Lupa NH, que visa a criação de aplicativo para telefones celulares, estabelecendo configuração de ambiente comunicacional e deliberação para a formação de Inteligência Social Hiperlocal (Lima Junior, 2017) através de abastecimento de informações feitas primeiramente pelos alunos da escola Raimunda dos Passos Santos e, posteriormente por toda a comunidade. No entanto, não basta apenas existirem ferramentas tecnológicas disponíveis para essa mudança de cenário.

É preciso também formar tecnicamente o usuário para que desempenhe melhor uso dessas ferramentas e eleve ao máximo suas potencialidades. É assim que o Lupa NH tem objetivado, primeiramente capacitando os alunos da referida escola para se transformarem em jornalistas cidadãos, e, assim, serem capazes de ajudar a mudar a realidade deles e a de todos ao redor.



Para que a fase de capacitação fosse realizada e os alunos tivessem o entendimento prático do funcionamento do aplicativo, foi necessário a execução de uma coleta piloto de dados para certificar que o aplicativo estava funcionando corretamente. Em 16 de novembro de 2018, a primeira versão do aplicativo, criado pelo desenvolvedor Altemir Almeida, foi testado em uma zona delimitada do Bairro Horizonte. Liderados pelo diretor da escola, professor Abdinel Rodrigues Ferreira e pelo professor Lobão Souza, um grupo de professores e alunos do Raimunda Passos saiu a campo para testar o aplicativo e suas funcionalidades.

OFICINAS DE CAPACITAÇÃO

Nesta seção estão descritos os relatos de experiências práticas na capacitação de um grupo de aproximadamente 25 alunos do ensino médio da escola Raimunda dos Passos Santos, como objetivo de produzirem conteúdo informativo de relevância social, nas redes sociais, tendo como base dados adquiridos sobre as condições de infraestrutura do bairro via aplicativo para telefone celular Lupa NH. O relato aponta para a importância da capacitação e do entendimento sobre o jornalismo em si, almejando dar condições aos alunos da escola pública de atuarem como jornalistas-cidadãos, utilizando como ferramenta principal o smartphone, uma vez que “se o computador ainda é um objeto restrito, o celular está presente em boa parte das escolas, nas mochilas dos alunos de diferentes classes sociais” (Merije, 2012, p.81).

Assim, o objetivo das seis oficinas ministradas na escola foi transmitir informações estruturadas sobre os fundamentos e técnicas aplicadas ao jornalismo, como: redação jornalística, radiojornalismo, fotojornalismo, convergência midiática e telejornalismo, que são conteúdos considerados essenciais no escopo do projeto.

Para que as oficinas fossem realizadas, primeiramente houve uma reunião com o diretor da escola, professor Abdinel Rodrigues Ferreira, professor Lobão Souza (Língua Portuguesa) e a professora Maria da Conceição Silva Damasceno (Geografia). Na reunião, foi escolhida a estratégia na qual as oficinas deveriam acontecer aos sábados, entre 8h e 12h, horário esse no qual os alunos não tinham atividades escolares. Como o projeto Lupa NH não possui nenhum tipo de fomento financeiro, cabe ressaltar o empenho dos professores da escola Raimunda dos Passos que, em todas as oficinas, cederam materiais e recursos não possíveis de serem disponibilizados pela estrutura da escola, como computador e aparelho datashow.



Além da infraestrutura física, os professores preparam e ofereceram lanches para os alunos, uma vez que o refeitório da escola não funciona aos sábados.

Uma vez tendo selecionado o período e espaço em que as oficinas aconteceriam, foi realizado um encontro entre a professora Cláudia Arantes, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap), os estagiários do projeto Lupa NH, Dellano de Carvalho e Christopher Ferreira, e outros 12 alunos voluntários do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amapá, que ministrariam as oficinas. Na reunião com osicineiros, foi apresentado o projeto Lupa NH, as fases já executadas e como deveriam ser as oficinas ofertadas para os alunos da escola. Vale ressaltar, que os 12 oficineiros do curso de jornalismo foram convidados pela professora Cláudia Arantes por terem se destacado em disciplinas ofertadas pelo curso de Jornalismo da Unifap.

A opção de convidar e selecionar alunos de graduação para contribuírem com o projeto, por intermédio da ministração de conteúdos, foi para a “participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando sua articulação com diferentes segmentos da sociedade” (Melo et al., 2009), conforme o documento Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, elaborado por um grupo de especialistas a pedido do Ministério da Educação.

Apesar de morarem em Macapá, nenhum aluno selecionado mora ou é oriundo do bairro de Novo Horizonte. Portanto, é importante, pedagogicamente, utilizar “diferentes cenários de ensino-aprendizagem permitindo ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais” (Melo et al., 2009).

Como na perspectiva de Lacan (1998), o ser vivo deve se reinventar constantemente, a fim de não se estagnar em uma única identidade. Assim, os alunos de jornalismo foram orientados a se aplicarem ao máximo, extraindo dessa experiência, de ensinar e aprender ao mesmo tempo e, assim, fornecer condições e oportunidades de conhecimento e percepções sobre o fazer jornalístico aos alunos daquela escola pública.

Na organização, foram divididos os oficineiros em duplas, com o objetivo que obtivessem de forma mais eficaz a fluidez de ensinar elementos de teoria e de prática profissional de cada conteúdo, dando mais dinamicidade ao processo de interação e aprendizagem. Todo material elaborado pelos alunos de



Jornalismo foi submetido à análise, revisão e aprovação da professora Cláudia Arantes.

Tendo em vista que as oficinas aconteciam sempre aos sábados pela manhã, a presença dos alunos da escola Raimunda dos Passos mantinha uma média de 25 alunos interessados nos conteúdos de cada oficina, fato esse considerado pelo grupo de trabalho como sendo excelente, uma vez que esses 25 alunos poderão ensinar, aprimorar, desenvolver ainda mais esse viés de jornalista cidadão.

A primeira oficina, Fundamentos de Jornalismo, aconteceu no dia 30 de março de 2019, e foi realizada pelos estagiários do projeto, Christopher Ferreira e Dellano de Carvalho. A oficina teve como objetivo falar dos conceitos básicos do jornalismo, dos direitos humanos, código de ética dos jornalistas e da importância da Lei de Acesso à Informação. Na oportunidade, foram trazidos para debate, casos icônicos do jornalismo. Essa oficina seria capaz de dar um entendimento geral no papel do jornalista e suas escolhas enquanto profissional. Assim, os alunos poderiam compreender melhor os caminhos e percalços do jornalismo (Travancas, 1992; Kovach & Rosentiel, 2004).

A segunda oficina foi dividida em dois encontros, por se tratar de sua importância para a produção jornalística em si. Então, a oficina de Redação Jornalística aconteceu nos dias 6 e 13 de abril de 2019. No primeiro encontro, dia 6 de abril, as alunas Beatriz Melo e Marina Guedes abortaram o início da produção e redação jornalística, como: pauta, tipos de fontes, lead, nota, notícia e reportagem, apresentando aos alunos da escola Raimunda dos Passos o que é o Hard News. Além das apresentações teóricas, os alunos fizeram exercícios de escrita jornalísticas para fixar o aprendizado. No encontro do dia 13 de abril de 2019, asicineiras Marina Guedes e Tássia Malena apresentaram o jornalismo literário, que cada vez mais vem ganhando espaço em ambientes convergentes. Após explanações, os alunos foram orientados a escreverem textos de cunho informacional, mas de forma literária. Essa oficina buscou ensinar a escrita jornalística para impresso, dado base para a escrita em outros veículos de comunicação (Erbolato, 2001; Lima, 2004; Pena, 2006).

A terceira oficina, que aconteceu no dia 27 de abril, foi fotojornalismo. Osicineiros Diego Baleiro e Rudja Santos, que atuam profissionalmente na área, levaram seus próprios equipamentos até a escola Raimunda dos Passos para que os alunos pudessem manusear. Eles ensinaram sobre a história da fotografia e do fotojornalismo, as fotos e os principais fotojornalistas, os gêneros foto jornalísticos e frisaram em como tirar uma boa fotografia, tanto numa câmera profissional quanto pelo smartphone.



Com essa oficina, buscou-se dar um melhor entendimento sobre a comunicação fotográfica e como levá-la ao consumidor de informação de maneira mais direta e clara (Kossoy, 1989; 1999).

A quarta oficina foi radiojornalismo, e aconteceu no dia 4 de maio de 2019. Realizada pelos alunos Pamela Paolla Gualberto e Jomar Magalhães, trataram temas como a história do rádio e como ele tem se adaptado às novas tecnologia, a escrita radiofônica, leitura e entonação e a usabilidade do podcast. Assim, os alunos foram convidados a gravar e editar seu próprio podcast através de aplicativos para smartphones, demonstrando assim a facilidade e velocidade na produção da informação radiofônica e tornando cada aluno em um ouvinte repórter (Parada, 2000).

Telejornalismo foi a quinta oficina oferecida, e aconteceu no dia 11 de maio de 2019. Nela, aicineira Benedita Monte, auxiliadas pelos estagiários do projeto, Christopher Ferreira e Dellano de Carvalho, apresentou a pauta para a televisão, as características do veículo, a redação para TV, produção e técnicas de gravação e edição. Como exemplo prático, a discente mostrou materiais produzidos pelos alunos do curso de jornalismo da Unifap. E para frisar a oficina, os alunos foram convidados a escreverem pautas para televisão sobre assuntos que consideravam importantes sobre sua comunidade. A importância dessa oficina para os alunos está ligada a possibilidade de produção de vídeos informativos, com características jornalísticas (Machado, 2003).

E por último, a sexta oficina sobre convergência midiática tinha por foco as redes sociais, e foi realizado no dia 18 de maio. Os icineiros Gilzion Reis e Dioni Willian falaram sobre o uso de redes sociais pelo jornalismo, como fazer jornalismo comunitário em redes sociais e como utilizar de maneira mais assertiva o Instagram, Facebook e Whatsapp. Como parte prática da oficina, os alunos foram convidados a produzirem conteúdos sobre o bairro Novo Horizonte e postarem em suas redes sociais. Essa oficina buscou trazer novos olhares para o uso das redes sociais, que muitos alunos já utilizavam. Então, buscou-se desenvolver uma utilização mais orgânica de ferramentas potencialmente convergentes e que estão disponíveis a todos, na rede (Scolari, 2011).

Assim, o aprendizado para o abastecimento do aplicativo Lupa NH e das redes sociais, foi realizado em 7 semanas de treinamento teórico e prático. Os alunos da Escola Raimunda dos Passos Santos se mostraram engajados no projeto, uma vez que durante todas as oficinas demonstraram comprometimento com o aprendizado, mostrando serem capazes de agir e refletir sobre o que estavam aprendendo



(Freire, 1983). Após as oficinas, podemos crer que os alunos, munidos de ferramentas de mobilidade e portabilidade (Martino, 2014) aliadas à produção jornalística e convergência darão suporte às informações que circulam no bairro Novo Horizonte, sendo os protagonistas da criação de informações responsáveis e que irão ajudar o poder público a melhorar a condição de vida das pessoas que habitam o maior bairro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo relata a experiência de práticas educacionais voltadas para o jornalismo cidadão que, utilizando de ferramentas tecnológicas, oferece um ‘lugar de fala’⁷ (Bourdieu, 1996) aos indivíduos pertencentes a um mesmo ‘espaço social’ (Bourdieu, 1983). No caso deste trabalho, estamos falando de jovens amazônidas, estudantes da escola pública Raimunda dos Passos Santos, situada no bairro Novo Horizonte, em Macapá, Amapá. Por ter uma história de comunicação comunitária, o bairro foi escolhido para ser o foco do projeto Lupa NH, que visa, através da geolocalização, incentivar a participação cidadã dos estudantes do bairro por intermédio de tecnologias digitais conectadas móveis.

O projeto, cujo valor vem de ações extensionais, está atrelado ao seu potencial dialógico, fomentando a transformação de pessoas em cidadãos que prezam por melhores políticas públicas, cujo ensejo de participação e pluralização são intensificados cada vez mais com propostas contundentes, como é o caso do Projeto Lupa NH. Além de mais, por se tratar de um projeto de extensão universitária, está nitidamente articulado com demandas por direito e justiça (Casadei, 2016).

Ainda segundo Casadei (2016) no que tange a sua execução, a extensão universitária é um espaço para ir contra, oportuniza o questionamento dos processos, das regras, do tipo de linguagem empregada e das normas. Unindo-se a esse ponto, as oficinas ministradas por 12 estudantes de universidade pública para alunos do ensino médio de uma escola pública vem também de encontro ao que prega a Resolução de número 7, de 2018, do Ministério do Educação. A resolução aponta como diretrizes de Extensão Universitária a troca de conhecimento, entendimento e participação nos contextos sociais, formação cidadã através de vivências dos seus conhecimentos e a integração desses fatores na matriz curricular do

7. “Para Bourdieu (1983), o espaço social é sempre construído a partir de princípios de diferenciação a partir dos quais cada grupo busca a delimitação de um território próprio com o objetivo de conseguir determinadas vantagens ligadas ao capital simbólico” (Casadei, 2016, p. 27).



curso.

Uma vivência interprofissional e interdisciplinar foi favorecida aos estudantes de graduação das seis oficinas realizadas pelos doze estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Amapá na escola pública Raimunda dos Passos Santos. Buscou-se iniciar os 25 alunos da escola, interessados no projeto Lupa NH, nas vertentes básicas do jornalismo. Assim, aos sábados pela manhã, os estudantes aprendiam sobre fundamentos e técnicas aplicadas ao jornalismo, redação jornalística, fotojornalismo, radiojornalismo, telejornalismo e convergência midiática, um escopo pretendido para gerar autonomia e conhecimento ao potencial jornalista cidadão. Aos alunos do ensino médio, ficou o bem mais precioso, o conhecimento.

O relato trazido buscou elucidar a importância de condutas que incentivem a prática do jornalismo cidadão através de projetos inovadores e que visam o desenvolvimento e prosperidade de uma determinada região.

Somada a importância de projetos extensionistas pioneiros, é preciso um olhar mais sensível para entender a transformação que tal projeto trará para a comunidade. O respeito, a reciprocidade, o comprometimento fazem parte da expectativa de quem quer dar a voz ao outro. Dar a oportunidade para que uma comunidade inteira demonstre suas necessidades, e que elas sejam levadas ao poder público sem que ela precise permear a grande mídia, é dar voz e poder a quem precisa se emancipar. Dessa forma, “ser contado como falante” (Silva, 2016), traz à tona a situação de enunciação desses sujeitos, o que poderia causar uma reestruturação das regras, por vezes veladas, mas que por algumas circunstâncias limitam a participação de atores sociais em um ambiente que deveria ser de experimentação e troca de conhecimento.

Além do conhecimento adquirido durante as oficinas e demais etapas do projeto Lupa NH, espera-se que esses jovens amazônidas percebam que, embora habitem um estado cercado por águas e onde estão rodeados pela floresta Amazônica, a latência de suas vozes, amparados pelos conhecimentos adquiridos e pelas ferramentas que eles possuem, podem ir além do que esperam, pois eles possuem capacidade para serem sujeitos de enunciação, ampliando “publicamente a palavra outrora interdita” (Silva, 2016, p.33).



REFERÊNCIAS

- ARANTES, C. **Proposta de Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá**, 2018.
- BRINK, J.; BENKLER, Y. The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom. **German Law Journal**, v. 7, n. 10, p. 853-862, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1017/S2071832200005162>
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BOWMAN, S.; WILLIS, C. **Nosotros, el medio: Cómo las audiências están modelando el futuro de la noticias y la información**. Columbia: The Media Center at the American Press Institute, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3jToxog>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- CASADEI, EB., org. **A extensão universitária em comunicação para a formação da cidadania**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, 135 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zhy4d/epub/casadei-9788579837463.epub>.
- CASTELLS, M. Afterword. In: **Handbook of Mobile Communication Studies**. Cambridge: MIT Press, p. 447-452, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262113120.003.0033>.
- ECO, U. The Subject of Semiotics. In: **A Theory of Semiotics**. London: Palgrave Macmillan, p. 314-318, 1976. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-349-15849-2_5.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FREIRE, P. O Compromisso do profissional com a sociedade. In: **Educação e mudança**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GALTUNG, J.; RUGE, M. H. The Structure of Foreign News. **Journal of Peace Research**, v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/002234336500200104>.
- IBGE. **Municípios da faixa de fronteira**. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/35UgPnV>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- IBGE. **Censo demográfico**. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3mChAJ4>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Cultrix, 2003.
- JERONIMO, P. **Information Overload: An Overview**. Oxford Encyclopedia of Political Decision Making. LABCOM.IFP, 2020.
- KOSSOY, B. **História e Fotografia**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1989.
- KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T.; RODRIGUES, F.; DUPONT, W. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LACAN, J. **Le séminaire de Jacques Lacan**. Livre IX: L'identification. Paris: Association freudienne internationale, 1998.
- LAGE, N. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LELO, T. V. A precarização das condições de trabalho dos jornalistas de São Paulo segmentada por faixas etárias: Uma identidade profissional em risco? **Tempo Social**, v. 31, n. 2, p. 243-261, 2019. Epub 29 ago. 2019. Disponível em:



<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.146626>.

LEMOS, A. **Cultura da Mobilidade**. FAMECOS, Porto Alegre, v. 1, 2009.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2004.

LIMA JUNIOR, W. T. Jornalismo hiperlocal: projeto experimental Lupa NH. **Comunicação & Inovação**, v. 19, n. 39, 2018. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol19n39.5030>.

LIMA JUNIOR, W. T. Classificação das bases conceituais para elaboração de sistema digital de busca de fontes jornalísticas. **Galáxia**, São Paulo, n. 12, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3dsPooQ>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2003.

MARTINO, L. M. Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes. **Parágrafo**, v. 3, n. 1, p. 203-204, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/34KZkGc>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MELO, J. M. de *et al.* **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Brasília: MEC, 2009.

MERIJE, W. Mobimento: educação e comunicação mobile. Petrópolis: Vozes, 2012. MEC. Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3nFY4N7>. Acesso em: 13 fev. 2026.

PARADA, M. Rádio, 24 horas de Jornalismo. São Paulo: Panda Books, 2000. PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3jMaNul>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PRATI, R. C.; LIMA JUNIOR, W. T. An analysis of novelty dynamics in news media coverage. **CEUR Workshop Proceedings**, v. 1568, p. 9-14, 2016.

RADCLIFFE, D. **Here and Now: UK Hyperlocal Media Today**. 2012.

SANTAELLA, L. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHWINGEL, C. **Sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo: a composição e a arquitetura da informação no desenvolvimento de produtos jornalísticos**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/30YPAHg>. Acesso em: 13 outubro. 2025.

SILVA, S. R. Telefones celulares e a educação para a cidadania. In: **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3jO1Irr>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SILVA, M. D. J. **Ser contado como falante: a interação dialógica nas práticas de extensão universitária**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/30ZJczH>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SCOLARI, C. A. Narrativa transmediática, estratégias cross-media e hipertelevisión. In: PISCITELLI, A.; SCOLARI, C. A.; MAGUREGUI, C. (org.). **Lostología: Estrategias para entrar y salir de la isla**. Buenos Aires: Ed. CINE, 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Intercom, 1994.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.



WILLIAMS, A.; HARTE, D.; TURNER, J. The Value of UK Hyperlocal Community News. **Digital Journalism**, v. 3, n. 5, p. 680-703, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.965932>



